

EDITORIAL

Por quem os sinos doam

Há quase setenta anos atrás, o número estimado de mortos na guerra civil espanhola, ao longo de três anos (1936/39), remontou a um milhão de pessoas. Esse resultado, à primeira vista de longe suplanta as duzentas vítimas fatais da última tragédia ocorrida em solo paulista, em 11 de março último, mesmo adicionando-se as quase duas mil vítimas sobreviventes desse trágico episódio.

Entretanto, os registros midiáticos classificaram este recente ataque terrorista como o pior já acometido sobre a nação espanhola. Diferenças à parte, talvez isso se deva à imprevisibilidade (do ataque), à instantaneidade no número de vítimas inocentes, à escolha aleatória(?) das mesmas, ao fator surpresa ou à invisibilidade do(s) agressor(es), à insanidade de certos indivíduos ou agrupamentos de fanáticos religiosos, suas ilimitadas brutalidade e intolerância.

Afinal, quanto vale uma vida humana? Não sabemos calcular. Nem mesmo os economistas o sabem. E eis que se impõe a relevante distinção entre valor e preço. Portanto, uma tragédia é o que é, e não devemos mesmo qualificá-la pelo montante de suas vítimas, mas por suas causas e conseqüências, além dos impactos provocados.

Viver é muito perigoso, já dizia Guimarães Rosa. E nos dias atuais pior ainda, quando o perigo está em toda parte, quando o inimigo está presente, mesmo que não tenhamos inimizados; mesmo distante estando do inimigo do amigo, ainda assim sentimo-nos amedrontados, ameaçados, inseguros e atingidos.

Flagelos há cujos efeitos são instantâneos, efêmeros, alguns mais prolongados e já outros teimam em continuar. Nesse contexto, facilmente visualizamos, em cenários diversos, vitimados de enfermidades, da fome, da miséria e do atraso; da tirania, opressão e intolerância de certos governantes; da covardia e crueldade de agressores sem rosto e insanos; da insensatez e devaneios de alguns líderes, no papel de protagonistas e coadjuvantes.

A fatura a pagar por tudo isso é imensa e enquanto os espanhóis sepultavam seus mortos, já especulava-se quem serão as próximas vítimas. Ao invés disso, mais proveitoso seria discutir mecanismos impeditivos à efetivação de resultados decorrentes dessas especulações macabras.

Quem sabe um bom começo esteja na redução, quiçá eliminação do sofrimento de outros vitimados, a exemplo de afegãos, iraquianos, tchetchenos, palestinos, haitianos e tantos outros mundo a fora, incluindo-se até mesmo os inquilinos de Guantânamo.

A fome e sede de justiça, particularmente no mundo subdesenvolvido e em desenvolvimento, denota imenso passivo a ser saldado cujas perspectivas remotas e sombrias, nessa direção, são contributos à plataforma de atuação do terrorismo, cimentada ainda pelo fanatismo religioso.

Todavia, os instrumentos por ele utilizados e seus nefastos resultados são provas de que os fins justificam alguns meios, não todos, porquanto existem formas alternativas de luta, corroboradas ainda pela legalidade e legitimidade.

O apartheid social entre o Norte e o Sul não se estreitará apenas com democracia e livre comércio, mesmo porque a primeira não se impõe, conquista-se; já este último, precisa estabelecer um fluxo de mão-dupla, destravando a via que flui de dentro para fora e não apenas de fora para dentro, em prejuízo dos países do Sul, configurando mais peça de retórica a tão apregoada liberdade comercial, porquanto travada por subsídios, acordos bilaterais, dentre outras barreiras.

E a perdurar esse fosso mundial com sua injustiça, permanecerá também a insatisfação que por sua vez, incubará a intolerância latente a qual desaguará nas mais variadas formas de violência, ou seja, injustiça + insatisfação + intolerância = violência, e o ciclo recomeça, face à tendência reprodutiva desta última .

Assim, no produto dessa equação só há perdedores, pois os vencedores se encontram fora daquele resultado. No caso em tela podemos dizer que venceu a democracia. Venceram os eleitores espanhóis, ao praticarem a liberdade de escolha no exercício da cidadania. Felizes são aqueles com capacidade para fazerem escolhas.

Quem sabe esse resultado sirva de inspiração à mídia e também àqueles eleitores do outro lado do Atlântico que, em novembro próximo, terão a chance de escolher um mandarin a protagonizar a liderança na sociedade internacional.

Que a escolha recaia na direção do ideário multilateralista, mais sintonizado, portanto, com os rumos requeridos pelo atual ordenamento internacional, no qual americanos e europeus terão de se unir não apenas na dor, na tristeza e no luto, mas sobretudo nos esforços por um mundo pacífico e mais justo, sem o derramamento do sangue, suor e lágrimas de inocentes por quem os sinos dobram.

Raimundo Ferreira de Vasconcelos

Doutor em sociologia e mestre em economia política.
Coordenador e Professor do curso de relações internacionais,
no Unicentro Belas Artes de São Paulo.